

O Jornal das Senhoras: Conexões culturais femininas pelo Atlântico em meados do século XIX

EVERTON VIEIRA BARBOSA*

1. O Início dos periódicos brasileiros

O ano de 1808 marca o início da imprensa no Brasil com o primeiro periódico impresso na colônia, chamado Gazeta do Rio de Janeiro. Ele foi o jornal oficial da colônia e geralmente transmitia informações do governo brasileiro e também de países europeus, que naquele momento viviam conflitos, causados por Napoleão Bonaparte.

Até meados do século XIX, surgiram diversos periódicos em muitas regiões do país, sendo todos organizados por homens e transmitindo conteúdos voltados, em geral, ao público masculino.

Neste período também surgiram jornais que, organizados por homens, tentaram contemplar o universo feminino através de assuntos sobre modas, poesias, receitas, teatros e romances como os jornais O Espelho Diamantino, de 1827, O Mentor das Brasileiras, de 1829, O Espelho das Brasileiras, de 1831, A Fluminense Exaltada de 1832 e o Correio das Modas, de 1839. Apenas em meados do mesmo século surge um periódico organizado e dirigido por mulheres no Brasil.

2. O Jornal das Senhoras

Em 1852 surge O Jornal das Senhoras e como afirmam CABRAL (2008), LIMA (2010), LOBO (2009), MINARDI (2008), SOUZA (2012),

* Especialista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

VASCONCELLOS e SAVELLI (2006) este foi o primeiro jornal organizado por mulheres e voltado ao público feminino.

Este jornal, conforme expresso em sua primeira edição pela diretora Joanna Paula Manso de Noronha, “tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” (NORONHA, 1852: n°1, p.1). Neste sentido, o periódico buscava transmitir à suas leitoras, o espaço e o papel da mulher em sociedade, inserindo-a no universo público através dos assuntos impressos. Através dos textos impressos tentaremos observar traços da cultura europeia inseridos nas músicas, modas e nos demais assuntos, influenciando os costumes e os gostos femininos conectando a sociedade carioca através do oceano atlântico.

Este jornal foi publicado na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1852 e 1855, tendo três diretoras-em-chefe. Sua primeira diretora foi Joanna Paula Manso de Noronha, criadora do jornal. De origem argentina Joanna passou por países como Uruguai, Estados Unidos, Cuba, chegando ao Brasil e fundando o jornal, porém permanece apenas o primeiro semestre na direção do jornal, deixando a direção para uma das colaboradoras chamada Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, permanecendo na direção do mesmo até meados de 1853. Conforme escreve Giron, “A nova redatora-em-chefe é mais conservadora e menos crítica. Utiliza o pseudônimo de Délia ára elaborar as “Chronicas da Quinzena” (GIRON, 2004: p. 167). Porém não na edição do dia 17 de abril de 1853 aparece a assinatura de Gervina P. Assim podemos imaginar que Violante poderia assinar com outros pseudônimos ou então ser escrito por outras colaboradoras.

A saída de Violante da redação do *Jornal das Senhoras* não é justificada, sendo designada como nova diretora-em-chefe Gervásia Numésia Pires dos Santos Neves, casada com Antônio dos Santos Neves, quem ajudará a bancar economicamente o jornal até o fim de dezembro de 1855. Númesia mantém o modelo de jornal com as sessões de modas, poesias, teatros, crônicas e outros assuntos voltados ao público feminino e mantendo em seu conteúdo traços culturais de outros países. Na última edição do jornal em 30 de dezembro do mesmo ano Numésia e demais colaboradoras do jornal informam a seus leitores que fariam “apenas uma parada, que julgamos necessaria, no próximo anno de 1856; e com o favor de Deus o *Jornal das Senhoras* reaparecerá em 1857” (NEVES, nº 209, p.1), fato que não aconteceu.

Apesar do pouco tempo de duração, O *Jornal das Senhoras* foi significativo para a sociedade carioca, influenciando os costumes daquelas que tinham acesso ao jornal e que se apropriavam de suas informações. Tais publicações traziam características culturais de outros países possibilitando novas experiências através do Atlântico.

3. Conexões culturais pelo Atlântico

Ainda na primeira edição do *Jornal das Senhoras*, uma das mulheres encarregada de escrever assuntos sobre modas, que assina o texto como Catette, apresenta às suas leitoras suas impressões da moda francesa:

O que é de minha restrita obrigação, desde que me propuz a fallar em modas é relatar com toda a lealdade o que eu presenciei em Paris e o que me explicarão algumas elegantes com quem lá tive a fortuna de travar relações de amisade (CATETTE, 1852: nº1, p.1).

Neste trecho percebemos que Catette possui uma afeição pela moda francesa ao transmitir à suas leitoras aquilo que presenciou e aprendeu com suas amigas. Mas tal afeição não se limita apenas à Catette, já que neste período o Brasil recebia grande influência da cultura francesa, conforme afirma VEIGA ao informar sobre o ensino feminino no Brasil neste período:

Em relação à educação feminina, têm-se que as filhas das elites geralmente recebiam uma instrução voltada para as atividades do lar e para os círculos de convivência social. Para tanto contavam com o concurso das preceptoras estrangeiras e/ou dos colégios femininos leigos ou religiosos, cujo ensinamento via de regra se resumia às primeiras letras, francês, música, piano e prendas femininas (VEIGA, 2007: p.191).

Nesta afirmação é possível perceber que as famílias de boa renda econômica davam às suas filhas uma educação formatada à realidade social no qual pertenciam, tanto no espaço público como nos convívios sociais, sejam eles teatros e bailes como no espaço privado, ou seja, o lar da família.

Porém nem todas as famílias entendiam que as mulheres precisavam ter um ensino vasto, pois muitos acreditavam que para ser mulher era necessário conhecer apenas os afazeres domésticos. Esta realidade foi publicada em um diálogo doméstico na sétima edição do *Jornal das Senhoras*, onde uma filha discute com seu pai, querendo aprender geografia e francês, enquanto ele responde:

Tua tia não te ensinou as primeiras letras, o que mais queres, heim? Já não sabes a cartilha toda? Ah! Pensas que has de saracutear a tal lingoa franceza, para fazeres andar em carambola a minha e a cabeça de tua mãe? Estás enganadissima (CHRISTINA, 1852: n°10, p. 06).

Ao publicar no *Jornal das Senhoras* situações como o diálogo doméstico apresentado acima, as redatoras do periódico buscavam questionar o papel das mulheres em sociedade e ao mesmo tempo expor valores que eram entendidos como os melhores a serem vivenciados no país.

Precisamos frisar que o Brasil neste período mantinha um sistema escravista, uma educação precária com alto índice de analfabetismo e um custo de vida elevado, sendo poucas as mulheres que possuíam acesso ao *Jornal das Senhoras*, já que este era particular e para manter suas publicações, precisava ser vendido. Sendo assim, podemos imaginar que suas leitoras e também a diretora e as redatoras deste periódico, viviam em uma posição social no qual às favoreciam economicamente, onde muitas destas senhoras desfrutavam de viagens a outros países e uma boa educação. Situações como estas também eram divulgadas pelo jornal, conforme podemos observar em sua oitava edição quando a redatora informa às suas leitoras a chegada da senhora Nizia Augusta Floresta que

estava ausente de nós há dois annos e meio, viajando neste intervallo a França e a Inglaterra, onde visitou os melhores collegios de instrução, os mais abalisados litteratos, e senhoras illustradas; e ultimamente esteve em Portugal (NORONHA, 1852: nº 8, p. 10).

Neste trecho identificamos a influência europeia através de uma mulher que, ao entrar em contato com outros países, agora no Brasil, poderá transmitir tudo o que vivenciou e aprendeu, conectando a cultura europeia à sociedade carioca.

Outro exemplo significativo é o da própria redatora Joanna ao relatar sua viagem a Cuba, informando alguns lugares visitados e

recomendados, demonstrando que as conexões pelo Atlântico, não se restringiam apenas aos países europeus, mas também à América. Deste modo, as viagens através do oceano traziam novas experiências, vivências, ideias e realidades que ao serem transmitidas pelo *Jornal das Senhoras*, possibilitavam à suas leitoras a apropriação ou não de reproduzir no país estas situações.

Algo importante a mencionar é que o *Jornal das Senhoras* não se restringiu apenas à cidade do Rio de Janeiro, pois como escreve a redatora Joanna Paula Manso de Noronha,

A redação do Jornal das Senhoras acaba de dirigir ao Dr. Dom Valentim Alsina, Ministro do Interior em Buenos Ayres, a carta seguinte, acompanhada de uma coleção do Jornal das Senhoras (NORONHA, 1852: n° 12, p. 2).

Neste intuito o *Jornal das Senhoras* ganhava ares internacionais, buscando levar seus ideais a outras nações e, a escolha por Buenos Aires na Argentina pode ser justificada pelo fato de Joanna, a redatora chefe, ser de origem argentina e escrever um romance histórico no jornal intitulado *Mysterios del Plata*, no qual apresenta situações vivenciadas por Dr. Dom Valentim Alsina e sua família diante da ditadura instaurada no país pelo general Juan Manuel de Rosas.

Com o fim da ditadura na Argentina, abriu-se a oportunidade de Joanna voltar à sua terra natal.

O retorno de Juana Manso à Argentina provavelmente deveu-se a três fatores: o término do seu casamento, o fato de ter sido recusada na Escola de Medicina e, principalmente, por ter chegado ao fim a ditadura de Juan Manuel de Rosas (1829-1852) (LOBO, 2009: p. 47-74).

O fato de Joanna ter voltado à Argentina, não impediu que O Jornal das Senhoras continuasse a ser publicado, agora sobre a direção de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, no qual mantém praticamente o mesmo padrão de escrita, com os mesmos assuntos abordados e continuando a transmitir traços da cultura europeia a suas leitoras.

4. A presença masculina no Jornal das Senhoras.

O Jornal das Senhoras era escrito para o público feminino, mas podemos constatar que os homens também o liam, sendo que alguns destes não estavam em pleno acordo com os desejos femininos expressos no jornal, pois ainda no início das publicações, especificamente no segundo domingo de fevereiro de 1852, Joanna chegou a responder uma carta que recebeu, assinada “O homem”, cujo conteúdo era de ataques, feito por homens, às “ideias que ainda não tinham sido expostas por mim, chamavam-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinham visto a luz publica” (NORONHA, 1852: nº6, p.1). Ainda em resposta, Joanna compara o Brasil sendo “o unico lugar da America e da Europa, onde a maior parte das mulheres são domesticamente tyranisadas! aos demais países da América e Europa” (Ibdem, p. 2).

Percebemos que a comparação feita pela redatora transmite a influência das outras nações ao pensamento e posicionamento desta mulher perante os homens que criticam o jornal.

Sabendo que havia leitores masculinos, a sessão de modas começou a expor figurinos masculinos a partir de dezembro de 1852 ao escrever que “Há um anno quase, que successivamente vos apresento

figurinos de senhoras, e só agora, no penúltimo Domingo de 1852, é que vos ofereço uma illustre estampa de figurinos de homem!” (CATETTE, 1852: n° 51, p.1).

Como de costume, os figurinos apresentados pelo jornal, possuem traços europeus, porém diferentemente dos modelos femininos, que ganham características francesas em suas peças, os modelos masculinos tinham características inglesa (PRIORE; AMANTINO, 2011: 2011, 568p.).

Ao apresentar figurinos masculinos somente no final do primeiro ano de publicação, podemos supor que os homens, principalmente os críticos do jornal, perceberam que tal periódico ainda manteria seus propósitos seriamente e, desta forma, precisariam aceitá-lo em sociedade e quem sabe, a partir dele, repensar o papel da mulher em sociedade.

Mas o papel dos homens diante de O Jornal das Senhoras não se restringia apenas na leitura. Alguns compunham músicas que eram impressas no Jornal em forma de partitura contendo a letra, no intuito de ensinar às suas leitoras, novas canções que poderiam ser tocadas posteriormente, já que era costume entre as famílias ricas terem em sua residência pianos vindos da Europa, possibilitando um comércio musical no Rio de Janeiro. Napolitano escreve que

A febre de piano que tomou conta da cidade acabou alimentando as casas de edição de partituras que foram surgindo, incrementando entre nós um primeiro mercado musical, à base de partituras de polcas, modinhas e valsas (NAPOLITANO, 2005: p.43).

Algumas músicas publicadas em O Jornal das Senhoras foram impressas em francês, mantendo a transmissão da cultura europeia em sociedade. Entendemos que estas músicas, escritas em francês, possuíam uma significativa importância por parte das redatoras, já que demonstravam às suas leitoras, uma noção maior em outro idioma e também por identificarmos uma preocupação referente aos erros de ortografia impressos.

Por imperdoável descuido do nosso litographo vierão alguns erros no romance francez que publicamos com o ultimo n. deste jornal, por isso apressamo-nos em rectificá-los publicandos seus versos todos (NORONHA, 1852: n°8, p. 10).

Tal preocupação por parte da redatora quanto à revisão ortográfica de um texto, seja ele em português ou em outro idioma, demonstra respeito com seus leitores e humildade em reconhecer tal erro, pois este jornal representa quem o escreve. Para justificar, a redatora esclarece ter sido um erro cometido pelo “litógrafo”, o que justifica a participação masculina na confecção do jornal.

Porém mesmo com as devidas correções, O Jornal das Senhoras mantinha pequenos erros ortográficos em suas edições, o que não impedia a leitura de seus consumidores.

E neste sentido a participação masculina é presente desde a confecção do jornal às músicas escritas por compositores e maestros e também leitores do periódico.

5. Sessões do Jornal das Senhoras e suas conexões culturais

Algumas leitoras d'O Jornal das Senhoras, além de consumidoras, se dispunham na escrita de poesias, romances ou contos que, em certas edições, eram publicados no jornal, dando espaço e voz às mulheres cariocas ao exporem seus sonhos, ideais, pensamentos, vivências e sentimentos experimentados em uma realidade de submissão perante os homens.

Mas será que o conteúdo publicado foi realmente apropriado e experimentado pelas leitoras d'O Jornal das Senhoras?

Para responder tal questão vejamos o que foi publicado na sessão de modas neste jornal:

Isso, por certo, é uma das grandes vantagens do JORNAL DAS SENHORAS; a moda que elle annuncia está escrita, pintada, executada, e já nas parteleiras da casa dos Srs. Wallerstein e C. postas á vista do apurado gosto do nosso mundo elegante (CATETTE, 1852: n°4, p. 2).

No trecho acima é possível perceber que as modas, geralmente vindas da França, já estavam à disposição das “elegantes senhoras” que quisessem seguir o “bom gosto” e a “tendência” atual. Neste sentido o que era impresso n'O Jornal das Senhoras era apropriado por algumas leitoras ao adquirem as peças vindas da França ou mesmo os modelos copiados dos moldes europeus.

Vejamos, agora, o que foi publicado na sessão das Belas Artes no mesmo periódico:

Ao mesmo tempo em que temos a gloria de possuir esta illustração artistica no seio da pátria, augmenta-se o nosso prazer com a chegada das primeiras composições musicas do Sr. Amado, discípulo do Conservatorio de Milao, e protegido do nosso cônsul em Genova o Sr. Lecomte (NORONHA, 1852: n°3, p.8).

Era comum quando as famílias enviavam seus filhos para estudarem à Europa e, depois de formado, era recebido com grande importância e admiração, pois todos esperavam que os conhecimentos apreendidos em outro país, pudessem ser transmitidos em sua pátria, melhorando as condições sociais e culturais através da influência europeia.

Ainda podemos citar trechos expondo apreciações sobre as peças teatrais apresentadas semanalmente, como, por exemplo, no dia 11 de janeiro de 1952 ao escrever que “Domingo passado foi o Desertor francez. João Caetano e a Snra. Ludovina representarão; isto basta para dizer-se que foi uma noite cheia” (NORONHA, 1852: nº 2, p. 8). Neste sentido praticamente todas as sessões do Jornal das Senhoras possuíam características culturais de outros países, transmitindo os gostos das redatoras e influenciando nos costumes da sociedade.

Apesar de não ter atingido toda a sociedade carioca, podemos concluir que O Jornal das Senhoras deixou sua marca ao registrar acontecimentos cotidianos de pessoas e situações, expondo traços culturais de outros países diante de figurinos, músicas e outros assuntos, mantendo uma conexão cultural através do oceano atlântico e possibilitando que os homens e, principalmente as mulheres, repensassem seu papel em sociedade.

Referências

CABRAL, Eugênia Melo. *Primeiras Histórias O surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil*. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 2008, p. 01-05, 2008.

CATETTE. Modas. In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 1, p. 4. 01 jan. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

_____. Modas. In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 4, p. 02. 25 jan. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

_____. Modas. In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 51, p. 01. 19 dez. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

CHRISTINA. Um diálogo doméstico. In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº10, p. 06. 07 mar. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

GIRON, Luís Antônio. *Minoridade crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da corte, 1826-1861*. Editora Ediouro: Rio de Janeiro, 2004.

LIMA, Joelma Varão. “*Jornal das Senhoras*”: as mulheres e a urbanização na Corte. Cad. CERU. São Paulo, vol. 21, nº 2, dez. 2010.

LOBO, Luíza. Juana Manso: Uma *Exilada em três pátrias*. Gênero. Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-74, 1º sem. 2009.

MINARDI, Ines Manuel. *Trajetórias de luta: Mulheres Imigrantes Italianas Anarquistas*. Anais do XIX Encontro Regional de História da ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em:

<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ines%20M.%20Minardi.pdf>>. Acesso em 04/01/2013.

NORONHA, Joanna Paula Manso. As Nossas Assignantes. In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 1, p. 1. 01 jan. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

_____. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 3, p. 8. 18 jan. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

_____. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 6, p. 1. 08 fev. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

_____. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 8, p. 10. 22 fev. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

_____. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 12, p. 2. 21 mar. 1852. Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (Orgs). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, 568p.

SOUZA, Cássia R. S. Rodrigues. *Periódicos Feministas do Século XIX: Um Chamado à Resistência Feminina*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em:

<http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337815812_ARQUIVO_ARTIGOANPUH2012.pdf>. Acesso em 03/01/2013.

VASCONCELLOS, Eliane; SAVELLI, Ivete Maria. *A imprensa feminina*. Verbo de Minas. Juiz de Fora, v. 5, p. 89-102, 2006.

VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007, 328p.